



**JACQUES  
MARCOVITCH**

é professor e ex-  
reitor (1997-2001)  
da Universidade  
de São Paulo.

É autor de, entre  
outros, *Para Mudar  
o Futuro: Mudanças  
Climáticas, Políticas  
Públicas e Estratégias  
Empresariais*  
(Edusp/Saraiva).

JACQUES MARCOVITCH **A crise**

**mundial**

**e a construção**

**do futuro**

## RESUMO

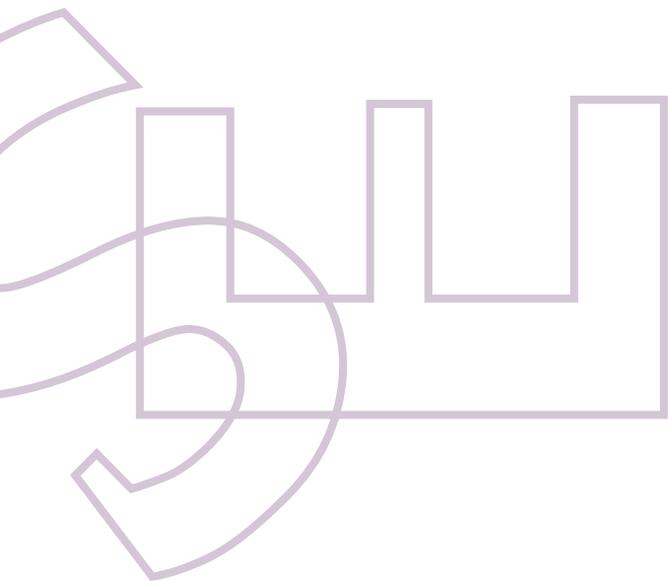
O que apreender do pânico eclodido em setembro de 2008 e da crise financeira que teve origem no sistema financeiro norte-americano? A grande turbulência ocasionou profundas repercussões na geopolítica mundial, no comércio entre países, nos hábitos das populações, na oferta de empregos e no ritmo dos investimentos. Este ensaio aborda as principais dimensões do dossiê Crise Mundial e destaca as bases para um novo ciclo de desenvolvimento. Políticas públicas e empreendimentos privados inovadores que reconciliem rigor econômico, responsabilidade social e sustentabilidade ambiental são precondições para um novo ciclo de desenvolvimento no século XXI.

**Palavras-chave:** crise financeira, desenvolvimento sustentado, economia internacional, estratégia empresarial, inovação, geopolítica.

## ABSTRACT

*What can be learned from the panic that broke out in September 2008 and from the financial crisis originated in the U.S. financial system? Such turmoil triggered profound impacts on global geopolitics, trade between countries, in the habits of the people, provision of jobs as well as in the pace of investments. This essay discusses the main dimensions of the dossier Global Crisis and highlights the foundations for a new development cycle. New public policies and innovative private endeavours which reconcile economic rigor, social responsibility and environmental sustainability are preconditions for a XXI century development cycle.*

**Keywords:** *business strategy, financial crisis, geopolitics, innovation, international economics, sustainable development.*



**O** que apreender do pânico eclodido em setembro de 2008 e da crise financeira que teve origem no sistema financeiro norte-americano? A grande turbulência, como sabemos, ocasionou profundas repercussões na geopolítica mundial, no comércio entre países, nos hábitos das populações, na oferta de empregos e no ritmo dos investimentos. Durante o biênio 2008-09 todos, em todos os países, se ressentiram das consequências da recessão econômica e da contração do comércio internacional. No Brasil, verificou-se queda nas atividades produtivas e observa-se, agora, uma retomada do desempenho positivo da economia nos primeiros meses de 2010.

Ao término desta primeira década do terceiro milênio, o mundo vivencia transformações inimagináveis nas décadas anteriores. Aí temos a notável ascensão da China, tensões nos mercados financeiros em consequência do enfraquecimento da moeda americana, tecnologias de comunicação aproximando a maioria da população mundial, vulnerabilidades decorrentes do terrorismo e de estados extremamente fragilizados como a Somália, riscos de pandemia que agravaram ainda mais a crise no México, novas empresas globais originárias dos países emergentes e sistemas políticos em franca mutação.

O Conselho Editorial da *Revista USP*, tendo em vista o cenário exposto, decidiu focar tais eventos em dossiê especial, agora publicado, reunindo estudiosos do tema em várias áreas de pesquisa. Uma observação geral dos escritos distingue, em síntese, quatro dimensões abordadas pelos autores: geoestratégica, econômica, social e ambiental. Mais adiante, alguns pormenores dos conteúdos também serão tratados.

## DIMENSÃO GEOESTRATÉGICA

*Do G8 ao G20* – Há vários anos, o G-8 já revelava sinais de ineficácia. Em sua reunião do ano de 2005, em Gleneagles, países emergentes foram convidados a participar de uma reunião adjacente. Em paralelo, e desde 1999, o G-20 tem se constituído num fórum de cooperação e de consulta sobre assuntos do sistema financeiro internacional. Esse grupo formado pelos ministros de Finanças e chefes dos bancos centrais das maiores economias corresponde a aproximadamente 85% do produto nacional bruto mundial, 80% do comércio mundial e dois terços da população mundial. Em novembro de 2008, pela primeira vez, os chefes de Estado ou de governo se reuniram – e não somente os ministros de Finanças – para buscar saídas para a crise mundial. Passaram a constituir, assim, um novo fórum para cooperação e consulta nas matérias pertinentes ao sistema financeiro internacional.

*Da emergência ao topo* – A China evoluiu de economia emergente a potência econômica. A década iniciada com a sua adesão à OMC terminou com essa nação tornando-se a economia mais dinâmica do mundo, e apresentando elevadas taxas de crescimento econômico. Em 2009, na efervescência da crise, o seu PIB cresceu 9,6%. Seus excedentes lhe permitiram constituir grandes reservas, retirar milhões de chineses da pobreza, modernizar a infraestrutura, avançar na inovação tecnológica e investir em fontes de provimento de matérias-primas no exterior, além de se apresentar como o maior credor dos Estados Unidos.

## DIMENSÃO ECONÔMICA

*Do neoliberalismo ao capitalismo sob tutela* – Diante da expansão incontrolada do crédito, especulação desenfreada dos bancos sobre empréstimos imobiliários e os prejuízos decorrentes, milhares de poupadores colocaram o capitalismo sob a tutela do Estado, nos EUA e na Europa. Mas, agora, há o risco de passarmos do pânico a uma renovada complacência. Quando o pânico marcou o último trimestre de 2008, mudanças estruturais foram priorizadas para que a crescente integração digital dos mercados financeiros fosse acompanhada pelo estabelecimento de sistemas de fiscalização compatíveis com a nova realidade dos mercados. Passado o desespero, estabeleceu-se o risco de que essas mudanças sejam postergadas, ou simplesmente riscadas da agenda.

*Do multilateralismo ao bilateralismo* – Já no início de 2008, com os impasses enfrentados pela Rodada de Doha da Organização Mundial do Comércio, vários governos, inclusive o do Brasil, reconheceram que foi um equívoco paralisar as negociações bilaterais, focando unicamente o multilateralismo. A crise mundial mostrou que, diante do aumento dos países que participam das deliberações sobre as regras do comércio internacional, além da crescente falta de homogeneidade em suas posições, o bilateralismo aumenta sua relevância na promoção dos negócios.

## DIMENSÃO SOCIAL

*Da política social à política de estabilidade econômica* – Os programas de transferência condicionada de renda foram concebidos para combater a exclusão social. Durante a crise, tais programas tornaram-se uma resposta eficiente para assegurar uma demanda sustentada frente aos riscos de estagnação. Com a diminuição da demanda internacional, o setor produtivo se voltou para o mercado interno, que assegurou a





rentabilidade mínima necessária. Algumas empresas, no entanto, que especularam no mercado de câmbio, viram suas finanças debilitadas, tendo que recorrer a recursos públicos, o que as levou a fusões com outras empresas.

*Da filantropia à sustentabilidade* – A crise mundial debilitou as fontes tradicionais de filantropia. Fontes diversificadas de recursos, sólidas competências técnicas e integração das prioridades sociais com as prioridades ambientais foram lições que as organizações da sociedade civil retiraram dos acontecimentos.

## DIMENSÃO AMBIENTAL

*Dos valores universalistas ao pragmatismo dos interesses* – A COP 15, realizada em Copenhague, teve seus resultados influenciados pela crise financeira que se abateu sobre a economia mundial. Enquanto os Estados Unidos parecem convencidos da necessidade de migrar para uma maior eficiência energética e tecnologias mais limpas, os recursos para essa ambiciosa transição estão limitados. Aportes financeiros que poderiam ter sido alocados à causa ambiental foram canalizados para salvar o sistema financeiro do seu colapso.

## LIÇÃO PRINCIPAL

Se tivéssemos que eleger apenas um ensinamento-chave de tudo isso, a escolha recairia em algo que tivesse como objetivo a construção do futuro. Embora o panorama da economia global continue turbulento, há oportunidades para assentar as bases de uma nova forma de desenvolvimento econômico. Um ciclo de desenvolvimento baseado em sólida arquitetura financeira internacional, enraizado em tecnologias limpas e na geração de energia eficiente, com baixa emissão de carbono, constitui um horizonte repleto de desafios. Os exemplos de crises passadas

e dos pioneiros construtores de riquezas mostram ser possível sair de uma recessão mitigando riscos estruturais e desencadeando uma onda de novos investimentos para criar uma economia mais segura, mais limpa e mais inclusiva.

Para fixar posições e aprofundar abordagens que excedam o relato dos acontecimentos, a academia brasileira vem mantendo uma posição de vanguarda, e o dossiê aqui comentado é prova desse engajamento. Numa aproximação maior dos textos apresentados, examinando cada artigo em seus detalhes, observamos outras faces desta primeira grande crise global do século e seus contextos regionais, principalmente o brasileiro.

Abrindo a sequência de ensaios, Amâncio Jorge de Oliveira e Manoel Galdino, em denso e alentado conteúdo, relacionam dez acordos regionais e/ou bilaterais, além de seis acordos de livre-comércio, todos adotados como estratégia para fugir às complexas negociações multilaterais. Demonstram claramente que não prosperou o esforço de algumas lideranças para intensificar o multilateralismo. Inexistiram grandes mudanças de comportamento nessa direção. No período mais crítico, entre 2008 e 2009, poucas variações ocorreram no volume de acordos em relação às médias anteriores.

A política externa americana é objeto da percuciente análise de Carlos Eduardo Lins da Silva. O ensaísta sugere que se busque uma multipolaridade sem protagonismos artificiais. Antecipa o cenário capaz de iluminar, além de atores tradicionais, o papel do Brasil e demais emergentes, principalmente a China, vista hoje como nação indispensável. Esse realinhamento internacional em novos termos facilitará maior articulação para o enfrentamento das consequências ainda vivas e outras alterações traumáticas na esfera global.

O texto de Marcio Pochmann detém-se nos efeitos das inflexões havidas nos ciclos da expansão econômica em nosso país, notadamente nos anos 1980, 1990 e 2008-09. A questão do trabalho é observada pelo autor com a penetrante visão de sempre, tomadas como campos de análise as grandes



áreas metropolitanas do Brasil. Os impactos causados e a recuperação pós-crise balizam uma reflexão de grande utilidade para o entendimento do desempenho nacional frente aos desafios criados a partir de 2008.

Paul Singer, incontestemente renovador no debate sobre economia solidária no país, critica duramente o sistema financeiro por sua recorrente insensibilidade em face da problemática social. Sugere novos modelos de financiamento, com a intermediação mais centrada em bancos públicos e comunitários.

Já Roberto Teixeira da Costa oferece ao leitor um oportuno balanço das conquistas brasileiras nos últimos vinte anos, destacando a principal, que foi a de possuímos uma moeda consolidada e estarmos livres da inflação endêmica.

O panorama global é novamente abordado por Simão Davi Silber, que aponta causas da crise e efeitos mais duradouros. Ele prevê mudanças na regulação do mercado financeiro, as quais ocorrerão de forma gradual e lenta. As propostas em curso são avaliadas com grande pertinência e domínio do tema.

Rosa Maria Fischer aborda pioneiramente o impacto da crise nas ações de sustentabilidade empresarial no Brasil e traça as nossas perspectivas no campo do empreendedorismo social. Foca e analisa, com clareza e precisão, as mais recentes pesquisas existentes sobre esse aspecto da responsabilidade corporativa.

## OS RISCOS ATUAIS

Mesmo perdendo o ímpeto nas grandes potências, a crise global ainda perturba a governança norte-americana e europeia. Mas é, hoje, apenas história em alguns países emergentes, onde seus impactos foram muito menores. Das subeconomias, pouco se sabe. Elas, como sempre, buscaram inutilmente saídas, mas as suas dores não causam manchetes. Globalmente, cessaram os lamentos midiáticos, agora substituídos por intenso fogueatório saudando a superação

das maiores dificuldades. O otimismo está novamente em pauta.

É nesse quadro de regozijo que mora o perigo. Os níveis de liquidez nos mercados constituem fatores para o surgimento de novas bolhas. Há riscos de distorções nos preços dos ativos, em especial os imóveis. No Brasil, o câmbio e as *commodities* preocupam. Esses são perigos mais visíveis, dentre muitos que ameaçam o reequilíbrio da economia mundial. Indicadores favoráveis nos pós-crises podem ser ilusórios. Não convém examiná-los isoladamente como sinais definitivos. A vigilância precisa ser constante, voltada para o cumprimento das recomendações do G-20 quanto aos “buracos negros” e descuidos no crédito, que desencadearam a grande turbulência em 2008-09. O mundo saiu do inferno econômico, mas não chegou ao céu.

Para os brasileiros, terminar o ano de 2009 com o desemprego em queda foi uma conquista inegável, considerando a magnitude assumida pelo desajuste mundial. O êxito da política econômica interna lastreou-se na baixa relação dívida pública/PIB e crescentes reservas internacionais. É consensual que chegaremos a uma taxa de crescimento na casa dos 5% em 2010, desde que o governo assegure a responsabilidade fiscal e exerça maior controle sobre as despesas. Outro perigo, este de médio prazo e não vinculado aos eventos externos, é o déficit da nossa Previdência Social e a evolução demográfica. Encerramos a década com 7% da população na faixa superior a 65 anos, mas em 2030 esse percentual dobrará.

A inteligência acadêmica, em todo o mundo, vem tendo papel relevante na análise do que aconteceu e no aconselhamento para evitar possíveis recidivas. O economista Paul Krugman, da Universidade de Princeton, foi um dos poucos que alertaram para os excessos que levaram à hecatombe. Ele sublinha a boa *performance* do Brasil na eclosão da crise tendo um perfil financeiro bem mais sólido que em abalos anteriores. O nosso país, como sabemos, mostrou baixa dívida de curto prazo, bancos saudáveis e inflação controlada. Isso facilitou as políticas contracíclicas do governo na redução

de juros e abrandamento fiscal. Krugman, sem rodeios, disse que jamais testemunhara, em sua vida profissional, um desempenho tão feliz. Mas advertiu para a armadilha da apreciação do real, com o mercado quase a apostar que o Brasil vai se tornar uma grande potência da noite para o dia. Nos EUA, lembrou, parte da funesta bolha imobiliária decorreu das fortes entradas de recursos externos: “Em termos de taxa de câmbio efetiva, o Brasil vem sendo levado a um terreno desconhecido” (MercoPress, 2009).

Quanto aos EUA, ele imaginou viável um crescimento de 2% no PIB em 2010 e uma taxa de desemprego ao redor de 10% no final do ano. Reconheceu que o mundo transpôs a fase apocalíptica. Do ponto de vista do trabalho, porém, os índices de ocupação podem piorar mais ainda, também na Europa.

Um bom resumo das lições da crise aos países desenvolvidos foi apresentado por Joseph Stiglitz, na Universidade de Colúmbia, no final de 2009. Ele descreve em cinco pontos a herança de ensinamentos deixada pela convulsão financeira. Primeiramente, desestimula toda a esperança em qualquer autocorreção dos mercados, que têm na cobiça um elemento de sua própria natureza. Registra que a maioria dos bancos americanos fez apostas irresponsáveis, dentro de uma lógica perversa, segundo a qual os lucros são seus e as perdas cabem aos contribuintes. Mostra os princípios ortodoxos falhando clamorosamente, enquanto as políticas keynesianas provam-se como alternativas viáveis e acertadas. Afirma serem irrisórios os custos de uma inflação moderada, em face daqueles exigidos quando bolhas de ativos progridem sem controle. E, finalmente, aponta o lado perigoso da inovação a qualquer custo, como foi o caso da engenharia bancária, iludindo cidadãos que buscavam comprar suas moradias (Stiglitz, 2009).

Stiglitz pondera que 2010 revelará se as lições desta crise foram mais bem assimiladas do que as expostas em situações passadas. Os Estados Unidos e demais países ricos precisam reformar urgentemente os sistemas financeiros, sob pena de terem

de repetir, com ainda maiores sacrifícios, o duro aprendizado que deixarem de levar à prática (Stiglitz, 2010).

## A POLÍTICA E A ECONOMIA

O debate sobre as causas do desastre econômico e medidas necessárias para conter a avalanche de perdas trouxe preciosas contribuições. Ao mesmo tempo, entretanto, algumas opiniões esdrúxulas foram emitidas. Entre estas a mais difundida, por sua carga ideológica, foi a de que o capitalismo chegara ao fim. Tão errada quanto impactante, a conclusão enxergava tombos de grandes árvores, ignorando que a floresta, mesmo atingida, manteve-se de pé, em perfeitas condições de resistir à tormenta.

As prontas ações do Estado socorrendo empresas afetadas e sistemas bancários foram apressadamente vistas como sinais de falência da livre iniciativa. O estatismo ortodoxo exultou, respondendo a um erro com outro erro. Incorreu no mesmo engano do dogmatismo privatista que, antes da crise, minimizava o papel da iniciativa pública. Restou provado que o Estado, entre outros papéis, tem o de garantir a ordem econômica escolhida politicamente pela sociedade. No caso em análise, toda sabedoria de seus líderes consistirá em cobrar e receber os empréstimos de emergência, mantendo como destinatários preferenciais de suas provisões os cidadãos mais necessitados.

É importante sublinhar que a crise mundial ainda não esgotou o seu estoque de más notícias para as grandes economias, outrora inatingíveis. O mundo mudou mais no último ano do que em toda uma década. Não vamos abordar extensamente outras óbvias implicações políticas da grande turbulência. Lembremos, porém, o fenômeno Barack Obama, inesperado protagonista de uma bem-vinda revolução pelo voto nos EUA. Negro, carismático, sem ostensivas ligações religiosas ou truques populistas, chegou ao cargo mais importante do mundo manejando, sobretudo, um candente

discurso anticíclico, resumido no *slogan* que remeteu ao poder transformador da vontade coletiva e varreu o mundo inteiro com um forte sopro de esperança. A política, naquele momento da história, transformava magicamente a realidade em sonho.

Esse paradoxo surpreendeu alguns analistas pouco habituados ao imponderável. Mesmo campeando o desemprego, a produção descendo aos infernos, os bancos e as corporações falindo, a política evidenciava o seu poder sobre a economia. O povo norte-americano, no auge da crise, chorava de felicidade nas praças repletas, festejando a posse do seu impossível governante. Hoje, esgotado o primeiro ano de mandato, a realidade vem mostrando novamente o seu poder. Declinam os níveis de prestígio do novo líder. Os sonhos perdem a batalha contra os números. A vida real passou a traduzir, em sentido inverso e negativo, as três palavras que antes pareciam mágicas. Fatores econômicos voltam a eclipsar os fatores políticos e parecem dizer: “*Yes, we can*”.

No início da gestão, premido por circunstâncias internas, o novo líder americano viveu a contradição de ganhar o Prêmio Nobel da Paz, enquanto mantinha suas ações bélicas em outros países. Tendo feito um

discurso ambientalista em toda a campanha presidencial, assumiu um papel bastante criticado na Conferência Mundial do Clima, defendendo um acordo vago sobre as emissões dos gases poluentes. É verdade que, no apagar das luzes de 2009, obteve uma vitória marcante, aprovando no Congresso a legislação que garante seguro-saúde a 31 milhões de compatriotas desprovidos de cobertura médica. Em paralelo, desgasta-se notoriamente ao buscar negociações com um Irã em crescente processo de radicalização e evidente crise política interna. A economia, porém, continua o seu desafio maior. Ela é a ponte em direção a um lugar definitivo na história, como Roosevelt, ou ao asilo sem glória das boas intenções, como Jimmy Carter.

O desafio de Obama, aqui referido nominalmente pelo simbolismo que encarna, é o mesmo enfrentado por todas as lideranças contemporâneas. Remover os destroços da fúria e fortalecer os fundamentos econômicos em seus respectivos países é prioridade central para elas na década nascente. Disso poderá emergir um esperado ciclo de desenvolvimento que não traga em si o germe da própria desestruturação, e não repita, em escala ainda mais perigosa, o assustador abalo do final de 2008.

---

## BIBLIOGRAFIA

ATTALI, Jacques. *Survivre aux Crises*. Paris, Fayard, 2009.

MERCOPRESS. “Krugman Praise and Warnings about Brazilian Economy Excessive Optimism”

Disponível em: <http://en.mercopress.com/2009/12/04/krugman-praise-and-warnings-about-brazilian-economy-excessive-optimism>. Acesso em 4/12/2009.

STIGLITZ, Joseph E. “Harsh Lessons We May Need to Learn Again”, in *China Daily*. Disponível em:

[http://www.chinadaily.com.cn/opinion/2009-12/31/content\\_9249981.htm](http://www.chinadaily.com.cn/opinion/2009-12/31/content_9249981.htm). Acesso em 31/12/2009

\_\_\_\_\_. *Freefall: America, Free Markets, and the Sinking of the World Economy*. Londres, Penguin Books, 2010.

WHAT IS THE G-20. Disponível em [http://www.g20.org/about\\_what\\_is\\_g20.aspx](http://www.g20.org/about_what_is_g20.aspx).

---